

A morte e o morrer na compreensão vétero-testamentária: a morada dos mortos no universo semita.

*The death and dying in the understanding of the Old
Testament:
The abode of the dead in the semitic universe.*

Roberto Marcelo da Silva

Resumo

Ao falar da morte e do morrer no Antigo Testamento os textos bíblicos apresentam uma linguagem ou uma cosmologia que não pertencem ao nosso contexto cultural, ocidental e moderno. O estudo de tal artigo deve, pois, começar com a apresentação do pensamento a partir do universo bíblico, descrevendo como pensavam e diziam os povos da Escritura acerca da morte e do lugar dos mortos no Antigo Testamento. Ao descrever o universo semita, com sua visão cosmológica somada a uma perspectiva antropológica, o descer e o subir da morada dos mortos, prevendo uma iniciativa divina após a morte, e a ideia do Hades, a partir de influências helenísticas, veremos algumas características da morte e do morrer no Antigo Testamento acerca de tais temas. Os textos bíblicos não são unânimes na compreensão do pós-morte. Encontramos ideias e perspectivas bem diversificados para descrever o sentido e a relevância da morte. Em razão da própria complexidade do assunto, constatamos que estas compreensões não eram uniformes, mas comportavam contradições e até mesmo uma evolução.

Palavras-chave: Antigo Testamento. Morte. Morada dos Mortos

Abstract

When speaking of death and dying in the Old Testament, biblical texts present a language or a cosmology that does not belong to our cultural, western and modern context. The study of such an article must therefore begin with the presentation of thought from the biblical universe, describing how the people of Scripture thought and said about death and the place of the dead in the Old Testament. When describing the Semitic universe, with its cosmological vision added to an anthropological perspective, the descending and ascending of the abode of the dead, predicting a divine initiative after death, and the idea of Hades, from Hellenistic influences, we will see some characteristics of the death and dying in the Old Testament on such themes. Biblical texts are not unanimous in their understanding of the afterlife. We found very diverse ideas and perspectives to describe the meaning and relevance of death. Due to the complexity of the subject, we found that these understandings were not uniform, but contained contradictions and even an evolution.

Keywords: Old Testament. Death. Abode of the Dead

Introdução

Este artigo tem a finalidade em apresentar algumas considerações sobre a morte e as considerações sobre a morte numa perspectiva vétero-testamentária. Antropologicamente a morte sempre foi alvo de questionamento e interpretações tanto filosóficas quanto teológicas. Desta forma, temos a pretensão em demonstrar, de princípio, como o povo semita pensava a morte associada a uma ideia cosmológica. A cosmologia, tão característico deste povo nômade tráz relevâncias pertinentes para a compreensão da morte. Em seguida, vemos a necessidade em demonstrar como era compreendida a iniciativa divina após a morte e como antropologicamente o ser humano após a sua morte. Por fim, com a tradução de Sheol para Hades, a partir da Septuaginta, descrever a

ideia e a compreensão de Hades e seus contornos a respeito do pós-morte, já se inserindo, inclusive, dentro do contexto do Novo testamento¹.

1. Universo semita

Os antigos semitas imaginavam o universo como constituído de três partes distintas. Acima ficava o céu, entendido como uma grande cúpula (Is 40,22b; 45,12; Sl 104,2); apoiada por pilares (Jó 9,6: “abala a terra desde os fundamentos e faz vacilar suas colunas”). O firmamento separava as águas superiores das águas inferiores, que ficavam na terra (Gn 1,6-8); nele se encontravam janelas que se abriam ocasionando as chuvas (Gn 7,11; 2Rs 7,2a. 19). Acima da cúpula e das águas superiores ficava a morada dos deuses, ou, para o povo judeu, o trono de Iahweh (Sl 11,4; Sl 103,19). Sendo o céu normalmente considerado constituído por vários andares,² a palavra que o designava era normalmente utilizada no plural: “Louvai-o, céus dos céus, e vós, águas de cima dos céus” (Sl 148,4).

A terra era imaginada como um disco achatado, repousando sobre as águas (Gn 49, 25; Ex 20,4; Sl 24,2; Sl 136,6), ou sustentado por pilares, cujas bases se encontram nas profundezas do mundo inferior (Sl 24,2; Sl 104,5; Jó 38,4); quando estes pilares tremiam provocavam os terremotos (Sl 18,8). Sob a terra havia massas de água das quais nasciam fontes, que se tornavam os rios (Gn 7,11; 8,2; Pr 8, 28), os quais fluíam para as águas do mar (Ecl 1,7: “Todos os rios correm para o mar e, contudo, o mar nunca se enche: embora chegando ao fim do seu percurso, os rios continuam a correr”).³ Se o céu era considerado

¹ Este artigo foi retirado da tese de doutorado: SILVA, R. M., A descida de Cristo à mansão dos mortos à luz da teologia latino-americana. Um maior desenvolvimento e aprofundamento teológico sobre o assunto podem ser conferidos na tese.

² Para os babilônios havia três céus, sendo que o deus supremo residia na parte superior MARCHADOUR, A. Morte e Vida na Bíblia. p. 7.

³ Se tal visão nos parecer ingênua; basta compará-la com uma narrativa árabe da criação do mundo para ver como é sóbrio o relato bíblico: “Portanto, o mundo está apoiado sobre os ombros de um anjo, que está sobre uma grande esmeralda verde, que está sobre os chifres ou o dorso de um touro, que por sua vez se apóia sobre as costas de uma grande baleia (ou dragão, segundo alguns), que nada em um grande oceano sustentado pelo ar, que finalmente está envolto em trevas, onde os corpos celestes se manifestam em certas estações do ano. O que há por trás das trevas? Só Alá sabe” HANAUER, J. E., Mitos, lendas e fábulas da Terra Santa. p. 16.

o trono de Deus, a terra era o escabelo de seus pés (Is 66,1). Por fim, debaixo da terra estava o mundo inferior, a morada dos mortos, o Sheol.

A ideia que se tinha do Sheol⁴ depende, obviamente, da compreensão que se tem acerca da morte e da possibilidade de subsistência após ela. A morte como um fenômeno misterioso, desperta reações diversas, complexas e contraditórias; esta complexidade encontrava-se presente no pensamento dos antigos judeus, pelo qual seria impreciso afirmar apenas uma única concepção da morte no Antigo Testamento, antes, os textos vetero-testamentários indicam que diferentes concepções acerca da morte pareciam coexistir, sem que se notasse contradição entre elas.⁵

Fundamentalmente, o Antigo Testamento declara que o homem não é imortal e que nele nenhum aspecto é eterno (Nm 23,10; Jz 16,30; Ez 18,4,20). Na Bíblia, a morte parece como um fato normal que atinge todo o ser humano: “Quem viverá sem ver a morte, para tirar sua vida das garras do Xeol?” (Sl 89, 49).⁶

Conforme a antiga antropologia judaica, não há nenhuma parte do homem que possa escapar da morte. “A distinção entre alma e corpo é estranha à mentalidade hebraica e, por consequência, a morte não é considerada como separação entre esses dois elementos. Uma pessoa viva é uma ‘alma (nepeš) vivente’, um morto é uma ‘alma (nepeš) morta’; Nm 6,6; Lv 21,1; Nm 19,13.”⁷

⁴ Š. ʾōl tem sido associado ao verbo šāʾal que significa: perguntar, requerer, e neste caso seria o lugar em que os mortos são interrogados e julgados. Pode evocar também a profundidade do mundo subterrâneo e seria proveniente de šʾl, estar no profundo. Pode indicar o lugar onde se põe o sol, visto frequentemente como a entrada para o mundo infernal. O radical šʾh significa “estar deserto” (Is 6,11; Na 1,5). O Sheol seria a terra sem vida, o mundo caótico, o não mundo. E, por fim, Sheol pode equivaler do termo babilônico šuāru, a residência de Tamuz, e de maneira geral, o reino dos mortos. MARTIN-ACHARD, R. Da morte à Ressurreição segundo o Antigo Testamento. p. 54.

⁵ O Antigo Testamento não escapa desta complexidade. Seu testemunho confirma ainda mais a dificuldade que experimenta o ser humano para encontrar uma explicação lógica para o problema da morte. Por outro lado, está constituída por diversas tradições escalonadas no tempo, que se sobrepõe umas às outras; finalmente elas partem de uma psicologia diferente da nossa que aceita perfeitamente afirmações que para nós nos parecem excluir. Em tais condições, pode parecer arriscado traçar um quadro preciso da evolução das doutrinas israelitas acerca da sorte dos mortos. MARTIN-ACHARD, R. Da morte à Ressurreição segundo o Antigo Testamento. p. 33-34.

⁶ Manteremos nas citações da Bíblia de Jerusalém a grafia “Xeol”, utilizando a forma “Sheol” (mais comum) nos outros casos.

⁷ VAUX, R. Instituições de Israel no Antigo Testamento. p. 80.

O Antigo Testamento, em sua maior parte, desconhece a crença que a alma é imortal; a alma não era tida como essencialmente superior ao corpo e nem poderia viver sem ele, não pertence a uma realidade incriada para ser imperecível.⁸

Seguindo essa concepção, em diversas passagens bíblicas, o Sheol aparece como sinônimo da morte e da sepultura, como o fim último do homem (Sl 55,16; ver ainda 1Rs 2,6.9; Jó 21,13). Apresentado como um fosso, um lugar de trevas, vermes e pó, parece representar apenas o túmulo.

Ora, minha esperança é habitar no Xeol e preparar minha cama nas trevas. Grito à cova: “Tu és meu pai! ”; ao verme: “Tu és minha mãe e minha irmã! ” Pois, onde, onde então, está minha esperança? Minha felicidade, quem a viu? Descerão comigo ao Xeol, baixaremos juntos ao pó? (Jó 17,13-16).⁹

Alguns textos porém, contradizendo o que foi acima afirmado, sugerem que a morte não fosse o fim da existência,¹⁰ com ela não acontecia um

⁸ A propósito, ver o comentário de J.V. LINDEZ, sobre o Eclesiastes: Quanto ao fato mesmo de morrer, a igualdade é total: como morrem uns, morrem os outros. Já tínhamos ouvido falar da mesma sorte do sábio e do néscio em 2,14s; mas a igualdade com o animal é algo novo. É um fato que se contempla cada dia em nossa vida. Qohélet não se contenta com afirmar o evidente; reflete e busca uma explicação que se vai fundamentar no mais conhecido da tradição de Israel. Porque a sentença: todos têm o mesmo alento (ruah), sem dúvida se inspira no Gênesis, ainda que nem sempre utilize o termo ruah, mas outros equivalentes. Assim, em Gn 2,7 diz-se do homem que se converteu em ser vivo (nepesh hyyah), o mesmo que se diz dos animais em Gn 2,19; também segundo Gn 2,7 o homem tem alento de vida (nishmat hyyim), como animal segundo Gn 7,22. Por essa razão afirma também Qohélet que o homem não supera os animais: se o alento vital ou o princípio de vida é o mesmo para uns e para outros, e o final é o mesmo Qohélet não vê razão alguma para afirmar diferenças nestes aspectos, os fundamentais para ele. LINDEZ, J. V. Eclesiastes ou Qohélet. p. 245-246.

⁹ Em numerosas passagens, o Xeol significa só a morte ou a sepultura, e descer ao Sheol equivale a morrer. De alguém que teve uma tranqüila morte natural se diz que desceu ao Xeol em paz (1Rs 2,6.9; Jó 21,13) e alguém cujos últimos anos foram amargurados pela dor desce ao Xeol com tristeza (Gn 37,35; 42,38; 44,29.31). MACKENZIE, J.L., Dicionário Bíblico. p. 972. Na maioria das vezes, a menção da descida à *לִישׁוֹן* como mundo dos mortos não significa mais do que a referência ao enterro como fim da vida (Gn 42.38; 44.29.31; Is 38.10,17; Sl 9.16,18; 16.10; 49.10,16; 88.4-7,12s; Pv 1.12) WOLFF, H. W. Antropologia do Antigo Testamento. p. 167; mantivemos as citações bíblicas do modo apresentado na obra.

¹⁰ A morte não é um aniquilamento: enquanto subsiste o corpo, ou pelo menos enquanto dura a ossada, subsiste a alma, em um estado de debilidade extrema, como uma sombra na morada subterrânea do sheol. Jó 26,5-6; Is 14,9-10; Ez 32,17-32. VAUX, R. Instituições de Israel no Antigo Testamento. p. 80.

desaparecimento completo, o homem prosseguiria, porém, em tal condição já não mereceria ser chamada de vida: as forças vitais seriam reduzidas, como num sono profundo do qual é impossível despertar-se. Segundo tal posição, a existência do morto assemelha-se a uma sombra, seres sem consistência, numa situação miserável. Os mortos (“*refaim*”¹¹), habitantes do Sheol, aparecem como seres impotentes, sem brilho, condenados a conhecer uma existência triste no mundo do pó.

Característica fundamental dos *refaim* é sua inatividade, os mortos estão completamente inativos no Sheol: Os vivos sabem ao menos que morrerão; os mortos, porém, não sabem nada. Não há para eles retribuição, uma vez que sua lembrança é esquecida.¹² Seu amor, ódio e ciúme já pereceram, e eles nunca mais participarão de tudo o que se faz debaixo do sol” (Ecl 9,5-6).

Os mortos, especialmente, não mais louvam a Deus, não mais esperam em sua fidelidade: “Com efeito, não é Xeol que te louva, nem a morte que te glorifica, pois não esperam em tua fidelidade aqueles que descem à cova” (Is 38,18).

Entendida a morte como acima foi expresso, o Sheol é visto um vasto território abaixo da terra, ao qual se descia¹³ com a morte e do qual não era

¹¹ Os mortos são designados no Antigo Testamento, pela palavra r.phaim ‘Refaim’. Não é fácil determinar de modo preciso o sentido desta palavra, afinal parece ter havido no decorrer dos séculos múltiplas acepções. Assim, é utilizado para designar, por sua vez, os habitantes do mundo subterrâneo e a população de gigantes que habitou em outro tempo a debilidade dos mortos e o poder de um povo pré-histórico. MARTIN-ACHARD, R. Da morte à Ressurreição segundo o Antigo Testamento. p. 51.

¹² Sua memória foi esquecida: Qohélet faz um jogo de palavras evidente entre skr (recompensa) e zkr (memória, recordação). No entanto, não tem nada de jogo o sentido das palavras. Algo já se disse da memória e do esquecimento como sobrevivência ou aniquilamento dos mortos conforme a mentalidade de Qohélet (cf. 2,16 e 7,1); mas é aqui em 9,5b que aparece com mais clareza o que é para ele a memória da pessoa desaparecida. A memória que têm os vivos dos que morreram é seu único meio de subsistência. Mantém um defunto seu nome, sua existência se bem que enfraquecida, à medida que é recordado. Como o tempo gera o esquecimento (cf. 2,16), os mortos vão perdendo sua pobre existência debilitada. Quando são de todo esquecidos, morrem definitivamente, ou seja, perdem toda a existência que possuem. LÍNDEZ, J. V., Eclesiastes ou Qohélet. p. 355.

¹³ Gn 37,35, Todos os seus filhos e filhas vieram para consolá-lo, mas ele recusou toda consolação e disse: ‘Não é em luto que descerei ao Xeol para junto do meu filho.’ E seu pai o chorou.” Gn 42,38, “Mas ele retrucou: ‘Meu filho não descera convosco: seu irmão morreu e ele ficou só. Se lhe suceder desgraça na viagem que ireis fazer, na aflição faréis descer minhas cãs ao Xeol.’” Gn 44, 29.31 “Se tirardes ainda este de junto de mim, e lhe suceder alguma desgraça, na aflição

possível haver qualquer retorno: “Como a nuvem se dissipa e desaparece, assim quem desce ao Xeol não subirá jamais” (Jó 7,9).

Tal concepção, todavia, pode não ser incompatível como a anterior,¹⁴ e podemos, até mesmo, questionar se a descrição da miserável existência do morto no Sheol não seja apenas um modo simbólico de afirmar o retorno ao nada.¹⁵

A ideia, porém, de uma região dos mortos, sombria e, situada abaixo da terra, não era exclusiva dos hebreus, mas estava presente em muitos outros povos da antiguidade.¹⁶ No mito acádico da descida da deusa Istar ao mundo dos mortos, este é descrito como “a casa escura, a morada de Irkalla, a terra de onde não há retorno, da qual não há caminho para voltar, onde os que entram são privados de luz, onde o pó é a sua comida e a lama a sua alimentação, onde eles não vêem a luz, onde sobre o ferrolho e a porta se espalha pó.”¹⁷ O nome Irkalla, que designava originalmente a deusa babilônica dos mortos, passou depois a significar o próprio mundo inferior.

As contradições presentes no Antigo Testamento, em relação ao conceito de morte e morada dos mortos, se agravam ainda mais com as influências dos demais povos do médio Oriente, com os quais conviviam os israelitas. Convivendo com nações que acreditavam no poder dos mortos, Israel não podia deixar de temê-los, ou, até mesmo, invocá-los. Demonstra-o os ritos funerários, nos quais, ao mesmo tempo em que rendiam honras aos mortos, se evitava todo contato com eles, impedindo-os de qualquer possibilidade de retorno ao mundo dos vivos. Se, em alguns casos, os ritos funerários significavam apenas uma humilde compaixão para com os mortos, em outros eram expressão de um

terão feito descer minhas cães ao Xeol; logo que vir que o rapaz não está conosco ele morrerá, e teu servo na aflição terão feito descer ao Xeol as cães de teu servo, nosso pai.

¹⁴ O Sheol está constituído por uma série de túmulos gigantes. As sepulturas individuais são apenas uma manifestação particular. Para um israelita não se cogita o problema de saber se o morto reside no sepulcro ou no império dos mortos. Aquele (das Grab) é uma expressão deste (das Urgrab). MARTIN-ACHARD, R., *Da morte à Ressurreição segundo o Antigo Testamento*. p. 55.

¹⁵ MARCHADOUR, A. *Morte e Vida na Bíblia*. p. 12.

¹⁶ O mundo dos mortos, o Sheol dos hebreus, é totalmente comparável ao Hades dos gregos, e ao Aralu dos assírios babilônicos. Alguns pesquisadores são de opinião de que os israelitas tomaram esta noção de um reino de espíritos de seus vizinhos, mas se esta hipótese for verdadeira, o empréstimo é muito antigo e data provavelmente antes da entrada dos hebreus na Palestina. MARTIN-ACHARD, R. *Da morte à Ressurreição segundo o Antigo Testamento*. p. 54.

¹⁷ MACKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*. p. 972.

temor ou repúdio, tendo como objetivo de impedir que o poder dos mortos se expandisse e contaminasse o grupo familiar, ou até mesmo a nação inteira: “O essencial era o tratamento dado ao cadáver. Os parentes fechavam-lhe os olhos e a boca, sem dúvida para impedir que o espírito do morto escapasse e saísse indo se refugiar em algum utensílio mal fechado (Nm 19.14,15).”¹⁸

Se alguns textos indicam que os mortos eram imaginados como fracos e inativos (*refains*), em outros aparecem dotados de uma ciência superior e de um poder quase divino, sendo, por isso, chamados “*elohim*”, espíritos divinos. Na famosa cena em que Saul, a quem Iahweh não respondia “nem por sonho, nem pela sorte, nem pelos profetas” (1Sm 28,6) resolve recorrer à consulta dos mortos, a necromante de En-Dor, após invocar Samuel, vê um *elohim* que subia da terra, o qual revelou ao rei seu fim iminente.¹⁹

Entendia-se, pois, que os mortos, ou pelo menos alguns deles, estão dotados de um poder que escapa aos humanos, conhecem o futuro. A esta tradição faz menção, sem dúvida, Isaías quando convida ironicamente seus contemporâneos infiéis a invocar os seus deuses (isto é, seus mortos), uma vez que recusam crer em Yahweh.”²⁰ “Perguntai aos que evocam os mortos, aos adivinhos, aos que cochicham e sussurram – acaso um povo não consulta seus deuses, os mortos em favor dos vivos? (Is 8,19).

¹⁸ MARTIN-ACHARD, R. Da morte à Ressurreição segundo o Antigo Testamento. p. 45.

¹⁹ “E a mulher respondeu a Saul: Vejo um deus que sobe da terra” (1Sm 28,13)

²⁰ MARTIN-ACHARD, R. Da morte à Ressurreição segundo o Antigo Testamento. p. 51; H. W. Wolff comenta o texto a propósito da profunda desmistificação da morte realizada no Antigo Testamento: O Antigo Testamento até relata um bem-sucedido encantamento de mortos, o qual, porém, precisamente como ‘bem-sucedido’, mostra de modo óbvio o absurdo da empresa. Faz parte da insanidade do rei Saul que, disfarçado, peca, contrariando sua própria proibição (1Sm 28.3), à encantadora de mortos de En-Dor a evocação de Samuel morto, pois o silêncio de Deus em face da ameaça dos filisteus o deixou completamente desorientado (1Sm 28.4ss). De fato, Samuel surge como um fantasma. Mas que diz? Repreende a perturbação de seu descanso e recorda aquilo que tinha anunciado antes a Saul: que Javé tinha se afastado dele e dado a realeza a Davi (vv. 15ss). Assim, essa narrativa de uma evocação dos mortos, singular no Antigo Testamento, mostra que dos espíritos dos mortos não se pode esperar nada que ultrapasse aquilo que os mensageiros vivos atestam. WOLFF, H. W. Antropologia do Antigo Testamento. p. 168-169. Porém, há de se notar que nas palavras do espírito de Samuel, há uma informação nova, referente ao futuro não conhecido por Saul: “Amanhã, tu e teus filhos estareis comigo, e o exército de Israel também” (1Sm 27,19).

Por isso, se em algumas passagens se afirma uma completa igualdade entre todos os que descem ao Sheol (“lá pequenos e grandes se avizinham, o escravo livra-se de seu amo”, Jó 3,19), outras parecem supor uma hierarquização entre as sombras: “Nas profundezas, o Xeol se agita por causa de ti, para vir ao teu encontro; para receber-te despertou os mortos, todos os potentados da terra, fez erguerem-se dos seus tronos os reis das nações” (Is 14,9; notar, porém, o caráter satírico do texto, uma sátira contra o rei da Babilônia).²¹ A representação da morada dos mortos, organizada como uma cidade se encontra também, muitas vezes, na literatura rabínica.²²

Nos períodos mais antigos a distinção estabelecida entre os mortos não provinha de quaisquer considerações morais, mas dependia da situação social do morto ou do cuidado prestado a seu cadáver.²³ Evoluindo a doutrina da retribuição, principalmente no período intertestamentário, e, mais ainda, quando a noção da imortalidade da alma foi introduzida no pensamento judaico,²⁴ ocorre nova mudança na compreensão da morte, que, necessariamente, deveria refletir na compreensão da morada dos mortos.

O Sheol aparece, então, como um lugar apenas para os ímpios, às vezes identificado com a geena.²⁵ Distante deste lugar de castigo, ficava o Paraíso, onde,

²¹ Mas esta concepção de um nivelamento por baixo, se opõe a uma tradição que parece ser mais antiga, na qual cada um conserva sua classe social e, além do mais, permanecendo as hierarquias, onde a uniformidade da morte não exclui claras distinções entre os mortos, nem ao menos entre as sombras do Sheol MARTIN-ACHARD, R. Da morte à Ressurreição segundo o Antigo Testamento. p. 56.

²² VAN DER BORN, A. (Org). Dicionário Enciclopédico da Bíblia. p. 659-660.

²³ MARTIN-ACHARD, R. Da morte à Ressurreição segundo o Antigo Testamento. p. 56.

²⁴ Tal pode ser atestado no livro mais recente do Antigo Testamento, a Sabedoria: A antropologia grega admitira desde muito cedo um consenso acerca da imortalidade da alma. Com a morte, o corpo prisão (‘sôma-sêma’) liberta a alma que, então pode gozar da imortalidade. Sem chegar a dizer que o autor da Sabedoria adota as categorias da filosofia grega, pode-se admitir que ele assimila ‘uma crença comum separada dos seus pressupostos e provas filosóficos’. /.../ em contato com a filosofia grega, o obstáculo antropológico levanta-se: a alma ‘que se apresenta mais destacada da matéria, muito menos imersa no corpo que o ‘nefesh’ sobrevive, dotada de uma existência autônoma, muito mais real do que ‘as sombras’ que conheciam os Judeus. MARCHADOUR, A. Morte e Vida na Bíblia. p. 36.

²⁵ Geena (gr.) representa o aramaico gehinnam que por sua vez representa o hebraico gehinnom. Geena é uma abreviatura do título ‘vale do filho de Enom’. Geena é um termo geográfico que divide a antiga Jerusalém das colinas do sul e do oeste. O vale era um ponto limítrofe entre Judá e Benjamim. Js 15,8; 18,16; Ne 11,30. O vale tinha reputação má nos últimos livros do Antigo Testamento, porque era a região do Tofet, um santuário cúlctico onde eram oferecidos sacrifícios humanos. 2Rs 23,10; 2Cr 28,3; 33,6 Jr 7,31; 19,2ss; 32,35. Jeremias amaldiçoou o local devido

após a morte eram levados os justos. Tal concepção é particularmente presente em apócrifos, tais como a Assunção de Moisés e o Primeiro livro de Enoque.²⁶

Por fim, deve-se notar a progressiva personificação do Sheol no Antigo Testamento. Essa personificação, já presente em Is 14,9 (onde o Sheol se agita e desperta os que morreram), aumentou até fazer do Sheol um monstro devorador insaciável: “Por isso o Xeol alarga sua goela, sua boca se abre desmesuradamente” (Is 5,14). “O Sheol não é somente uma região distante que espera passivamente que os humanos morram um após outro; na verdade é uma potência que não pestaneja ao ameaçar os vivos, um mostro insaciável que abre sua boca para devorar Israel.”²⁷

2. Descer e subir da morada dos mortos

Em algumas passagens do antigo Testamento parecem entender o Sheol como além de qualquer intervenção, inclusive a divina. O mundo dos mortos, com efeito, está no sentido oposto do céu, o ponto mais baixo do universo, nas profundezas do abismo (Sl 63,10), o mais longe possível do lugar de onde reina Iahweh (Jó 11,8). Os mortos estariam além da lembrança e da atuação do Senhor: “despedido entre os mortos, como as vítimas que jazem nos sepulcros, das quais já não lembras porque foram separadas de tua mão” (Sl 88,6). Esquecidos pelo Senhor, os mortos também dele não mais se lembram, ficando Iahweh privado de seus louvores: “Realizas maravilhas pelos mortos? As sombras se levantam

ao culto e previu que o lugar seria de morte e de corrupção 7,32; 19,6ss. No Novo Testamento Geena era compreendida como punição e prisão Mt 5,25-26, desgraça Mt 8,12; 13,42.50; 22,13; 24,51, corrupção interminável Mc 9,48 tirado de Is 66,24 ou lugar de escuridão Mt 8,12; 22,13; 25,30. MACKENZIE, J. L. Dicionário Bíblico. p. 376-377.

²⁶ E Deus te exaltará, e o fará se aproximar do céu e das estrelas, no lugar da sua habitação. E tu olharás do alto e verá seus inimigos no Geena e os reconhecerá e se alegrará e dará graças e confessará ao teu Criador. ASSUNÇÃO DE MOISÉS 10. p. 195; Respondeu-me então Uriel, um dos santos Anjos que estavam comigo, e disse: “Aquela garganta maldita que viste foi destinada aos eternamente malditos; ali serão reagrupados todos aqueles que, com a sua boca, proferem coisas desrespeitosas contra Deus e falam com insolência da sua Glória. Ali eles serão reunidos; será o lugar do seu Julgamento. LIVRO DE ENOQUE 27,2, p. 273; Eu olhei e voltei-me para outra parte da terra. Lá eu vi um vale profundo, onde havia fogo com labaredas. E eles traziam os reis e os poderosos e arremessavam-nos naquele vale profundo. LIVRO DE ENOQUE 54,1, 316-317.

²⁷ MARTIN-ACHARD, R. Da morte à Ressurreição segundo o Antigo Testamento. p. 59.

para te louvar? Falam do teu amor nas sepulturas, da tua fidelidade no lugar da perdição? Conhecem tuas maravilhas na treva, e tua justiça na terra do esquecimento?” (Sl 88,11-13). Quando se dizia ser “Iahweh quem faz morrer e viver, faz descer ao Xeol e dele subir” (1Sm 2,6), tal significava apenas a cura de uma doença grave, pois “quem desce ao Xeol, não subirá jamais” (Jó 7,9).

Por outro lado, o Antigo Testamento rejeita toda forma de dualismo, nunca aceitando uma luta de opostos, entre divindades de igual poder. Não põe dúvidas ou limites ao poder de Iahweh: o Deus vivo pode intervir no Sheol. Assim o profeta Amós, falando em nome do Senhor, ameaça aos israelitas pecadores: “Nenhum deles poderá fugir, nenhum deles poderá escapar! Se penetrarem no Xeol, lá minha mão os prenderá” (Am 9,1c-2) e Isaias, também falando em nome do Senhor, pode oferecer a Acaz um sinal “nas profundezas do Xeol, ou nas alturas” (Is 7,11). Também o salmista iria afirmar: “Se subo aos céus, tu lá estás; se me deito no Xeol, aí te encontro” (Sl 139,8; também Sl 135,6 onde “abismo” significa a mansão dos mortos e Pr 15,11).

A consciência de que Iahweh possuía um poder ilimitado, inclusive sobre a morada dos mortos, possibilitou o surgimento da doutrina da ressurreição. Iahweh pode não apenas fazer o homem descer à mansão dos mortos, mas, também, tirá-lo de lá. Os textos de 1Rs 17,17-23; 2Rs 4,33-35; 13,21 mostram a ressurreição de um morto como algo possível; a passagem de Sb 16,13: “Porque tu tens poder sobre a vida e a morte, fazes descer às portas do Hades e de lá subir” (praticamente idêntico ao já citado texto de 1Sm 2,6) deve ser entendida como referência a ressurreição, em sentido estrito.

A doutrina da ressurreição teve um aparecimento bastante tardio no pensamento vétero-testamentário: “quando, pela primeira vez, um crente afirma a sua fé na Ressurreição dos mortos, há mais de 1600 anos que os patriarcas ouviram a chamada de Deus, mais de um milênio que Moisés encontrou o Deus surpreendente do Sinai. Duzentos anos mais tarde dar-se-à o início da pregação de Jesus.”²⁸ O autor citado refere-se ao texto de Dn 12,1-2, considerado como uma das revelações mais importantes do Antigo Testamento: “E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno.”

O texto de Daniel não usa, porém, a palavra “ressurreição”, que aparecerá pela primeira vez nas Escrituras nos lábios de um dos irmãos Macabeus:

²⁸ MARCHADOUR, A. Morte e Vida na Bíblia. p. 35.

“Chegado já o último alento, disse: ‘Tu, celerado, nos tiras desta vida presente. Mas, o Rei do mundo nos fará ressuscitar para uma vida eterna, a nós que morremos por suas leis!’ ” (2Mc 7,9).

Foi à consciência da fidelidade de Deus, que não abandona seus fiéis, que fez florescer essa doutrina. Se o sonho do israelita era morrer “velho e saciado de dias” (Gn 35,29), rodeado de filhos (Sl 128,3), a dramática situação de perseguição e martírio, fez com que a ressurreição fosse percebida como uma consequência necessária da justiça e fidelidade divina (2Mc 7,9: “Chegado já ao último alento, disse: ‘Tu celerado, nos tira desta vida presente, mas, o Rei do mundo nos fará ressuscitar para uma vida eterna, a nós que morremos por suas leis!’”), despertando a fé na ação de Deus todo poderoso, que arrebatará os seus mártires da morada dos mortos, para lhes dar uma recompensa que não mais se acabará.²⁹

No que se refere à possibilidade de alguém ir e voltar da morada dos mortos, merece atenção o livro apócrifo de Enoque. Este consiste em uma série de cinco documentos, de datação diferente, que tratam do personagem enigmático do Antigo Testamento, que andou com Deus e foi por Ele arrebatado (Gn 5,18; Eclo 44,16). Estes documentos, que os Padres conheceram separados, foram reunidos em um só livro, conservados em etíope.

O livro exerceu influência no Novo Testamento, particularmente nas epístolas católicas: Jd 14-15 que é uma citação (provavelmente de memória) de Enoque. 60,5; a ele também se refere (provavelmente) o texto de 2Pd 2,4; a relação de Enoque com 1Pd 3,18-19 será objeto de um estudo mais pormenorizado que faremos adiante.³⁰

²⁹ Outras culturas podem supor uma influência decisiva na evolução da compreensão da ressurreição no Antigo Testamento. Israel conhecia o mito sobre um deus (Baal) cuja descida à mansão dos mortos e conseqüentemente a ressurreição era celebrada no culto como uma personificação da natureza (Jr 17,10; Ez 8,14; Zac 12,11; Os 6,1). Os persas também poderiam ter influenciado a fé judaica na compreensão da ressurreição, porém tem algumas diferenças importantes: a ressurreição para os persas era universal enquanto que para o judaísmo era limitado a determinadas categorias de pessoas; para os persas a ressurreição para aqueles que cometiam atos maus era sinal de purificação, para o judaísmo o castigo permanece eterno para os maus, mesmo se ressuscitarem. Apesar das contradições a respeito da ressurreição é possível que Israel tenha tido um contato com as ideias persas, ocasionando uma influência fecunda, uma evolução de uma doutrina sobre a ressurreição na fé judaica. VAN DER BORN, A. (Org). Dicionário Enciclopédico da Bíblia. p. 1303-1304.

³⁰ A obra influenciou também o Testamento dos Doze Patriarcas (apócrifo do período intertestamentário; Testamento de Rubén 5,2. TESTAMENTO DE RUBÉN. p. 338, sendo citada

O primeiro documento desta coleção, denominado Livro dos Anjos (ou “dos Guardiões”, cap. 1 a 36); é datado entre os séculos III e II a.C e contém uma leitura midráshica de Gn 6,1-4. Narra como alguns anjos maus (os “Guardiões” Azazel, Semjaza, Barakijal, etc) enamoraram-se por mulheres, às quais ensinaram feitiçarias, (7,1)³¹ e delas geraram os gigantes que oprimiram os homens (7,2). Os anjos bons, Miguel, Uriel, Rafael e Gabriel, levaram o clamor dos homens junto ao Altíssimo (9,1-7), que determinou que os Guardiões fossem amarrados e lançados a um buraco, cavado no deserto de Dudael, onde iriam esperar o julgamento final (10,3-4).

No cap. 12 o livro narra o chamado de Enoque para anunciar aos Guardiões caídos à sentença condenatória: “Não encontrareis nem paz nem perdão” (12,2). Como o acesso ao Senhor dos céus lhes estava vetado, eles pediram a Enoque que intercedesse em seu favor. Enoque atendeu o pedido: “eu redigi o seu rogo de súplica, falando da sua condição de espíritos e dos atos individualmente praticados, e contendo o seu pedido especial de clemência e perdão” (13,4). Mas a súplica não foi atendida e a Enoque foi ordenado que voltasse com a terrível resposta: “Vós não tereis nenhuma paz!” (16,2).

No início do séc. XX desenvolveu-se a interpretação de 1Pd 3,18-19 como descida de Cristo à morada dos mortos, baseada numa suposta utilização do Livro de Enoque. Tal interpretação, porém, apresenta problemas. Embora o Livro descreva a visita de Enoque à morada dos mortos (cf. 22; 27,1-3; 54,1), não é certa sequer a identificação do local da prisão dos anjos decaídos, se nas profundezas da terra,³² ou em um lugar entre o céu e a terra, como afirma de modo enigmático os capítulos 18 e 19. Também não é certo que, o lugar “nos

no Testamento de Levi 14,1 (TESTAMENTO DE LEVI. p. 347.) e na II Apologia (4,3-4) de Justino (JUSTINO de Roma, Diál. 10,2, p. 95).

³¹ Narra ainda que corromperam os homens ensinando-lhes a lidar com os metais (confeção de armas; 8,1), bem como esconjuros e poções de feitiços, astrologia (8,2) (LIVRO DE ENOQUE. p. 261-262).

³² E a Raphael disse o Senhor: ‘Amarra Azazel de mãos e pés e lança-o nas trevas! Cava um buraco no deserto de Dudael e atira-o ao fundo! Deposita pedras ásperas e pontiagudas debaixo dele e cobre-o de escuridão! Deixa-o permanecer lá para sempre e veda-lhe o rosto para que não veja a luz! Enoque 10,3 (LIVRO DE ENOQUE. p. 263).

vales da terra” (10,7)³³ ou o buraco no deserto de Dudael, onde estavam os Guardiões acorrentados, se refira à morada dos mortos.

3. O Hades

A etimologia do termo grego Hades (Αἴδης) é incerta. “Se se considera a derivação de ἰδεῖν [ideín] = ver, com ‘a’ privativo, então significa ‘o invisível’, mas pode ser também que hades se relacione com αἰανες [aianes] e então seu sentido originário seria “triste, espanto.”³⁴ “Hades” designava originalmente o deus olímpico dos mortos, sendo este o sentido que a palavra é usada na *Ilíada* de Homero.”³⁵ Logo, porém, passou a significar a morada dos mortos, entendida como um lugar subterrâneo e sombrio, habitado pelas sombras.

O termo “Hades” foi utilizado pela Septuaginta para traduzir o hebraico Sheol, como se pode perceber nas seguintes passagens: Gn 37,35 (πῆλψ // ἄδου); Jó 26,6 (ἰκψ // ὁ ἄδης); Is 14,9 (ῥικψ // ὁ ἄδης).³⁶

Sendo o Hades comparável ao Sheol dos judeus,³⁷ dele se pode afirmar muito do que acima foi dito do Sheol, como se pode facilmente perceber em dois textos de Homero: - na *Ilíada*, “Oh deuses! Certo é que na morada de Hades (Αἴδαιο) ficam a alma (ψυχή) e a imagem (εἶδωλον) dos que morrem, mas a força vital desaparece por inteiro (ἀτὰρ φρένες οὐκ ἔνι πάμπαν);³⁸ b) na *Odisseia*, Ulisses (Odisseu) toma ciência de mortos que estão privados de sentido (νεκροὶ ἀφραδέες), sendo apenas imagens (εἶδωλα) dos homens falecidos. Quando Ulisses tenta consolá-lo por sua morte, dizendo-lhe ser venerado como um deus, ele respondeu que preferiria ser lavrador e servir a um homem despossuído na terra, do que reinar sobre os mortos (ἦ πᾶσιν νεκρούσσι καταφθιμένοισιν ἀνάσσειν).³⁹

³³ Na tradução espanhola de F. CORRIENTE- A. PIÑERO se diz: “bajo los collados de la tierra.” SANTAMARIA, J. A. L. Un estudio sobre la soteriología Del dogma del Descensus ad ínferos. p. 58.

³⁴ BIETENHARD, H. verbete inferno. p. 349.

³⁵ BIETENHARD, H. verbete inferno. p. 348.

³⁶ “Nos LXX Hades é a tradução do hebraico še’ōl (xeol), o último e definitivo lugar de descanso para todos os mortos.” VAN DER BORN, A. (Org). Dicionário Enciclopédico da Bíblia. p. 659.

³⁷ MARTIN-ACHARD, R. Da morte à Ressurreição segundo o Antigo Testamento. p. 54.

³⁸ HOMERO. *Ilíada*, p. 103.

³⁹ HOMERO. *Odisseia* XI, p. 492.

Nos textos citados, percebe-se clara semelhança com a ideia do Sheol hebraico, inclusive em suas incoerências: o que sobrou do ser humano após a morte vagueia semi-consciente pela morada dos mortos; o que não impediu um dos mortos, Tirésias, ser capaz de revelar a Ulisses o seu futuro, como fizera o espírito de Samuel a Saul.

Como sucede com a palavra Sheol vetero-testamentária, as diversas vezes que o termo Hades é usado no Novo Testamento apresentam significados próximos, mas não idênticos. Em Mt 11,23 (// Lc 10,15) refere-se a um lugar subterrâneo, de castigo (certamente definitivo): “E tu, Cafarnaum, por acaso te elevará até o céu (ἕως τοῦ οὐρανοῦ)? Antes, até o inferno descerás” (ἕως ᾗδου).

No livro do Apocalipse (talvez, também em At 2, 27.31 “porque não abandonarás minha alma no Hades nem permitirás que teu Santo veja a corrupção; previu e anunciou a ressurreição de Cristo, o qual na verdade não foi abandonado no Hades, nem sua carne viu a corrupção”, citação de Sl 16,10) o Hades aparece como o lugar intermediário, anterior ao julgamento final, onde são reunidos todos os mortos, bons e maus: “A Morte e o Hades (ὁ ᾗδης) entregaram os mortos que neles estavam” (Ap 20,13). Conforme o pensamento da época, já no Hades haveriam repartições separadas para os justos e para os pecadores;⁴⁰ essa ideia pode estar presente em Lc 16,19-31, onde por “seio de Abraão” se entende o local dos justos no Hades.⁴¹

Também, o Novo Testamento conhece uma personificação da morada dos mortos. No Apocalipse, a Morte aparece montada em um cavalo esverdeado (cor do cadáver em decomposição, especialmente dos que morrem pela peste), sendo seguida pelos Hades, qual monstro disposto a devorar as vítimas: “Vi aparecer um cavalo esverdeado. Seu montador chama-se ‘a Morte’ e o Hades acompanhava” (Ap 6,8).⁴² Também no Apocalipse, o Hades recebe o mesmo castigo da Morte: “A Morte e o Hades foram então lançados no lago de fogo.

⁴⁰ LIVRO DE ENOQUE. p. 270-271; 327-329.

⁴¹ Comentando a passagem J. Jeremias afirma: v. 22: ‘en el seno de Abraham’: es la designación del lugar de honor en el banquete celestial a la derecha (Jn 13,23) del padre de familia, Abraham. En este lugar de honor, la meta suprema de la esperanza, afirma que Lázaro está a la cabeza de todos los justos. /.../ El Nuevo Testamento distingue siempre claramente entre el intervalo del ᾗδης y la γέεννα definitiva (‘inferno’). Se habla por tanto, de un estado no definitivo. JEREMIAS, J. Las parábolas de Jesús. p. 207-208.

⁴² Esta personificación del lugar donde residen los muertos va detrás de la peste para devorar a los que perezcan. BROWN, R. E. et al, Comentario Bíblico San Jerónimo, p. 554.

Esta é a segunda morte: o lago de fogo”, “O último inimigo a ser destruído é a morte (Ap 20,14; cf. 1Cor 15,26).

A literatura apócrifa desenvolveu ainda mais a personificação do Hades. Nos “Atos de Pilatos” o Hades aparece conversando com Satanás, repreendendo-o por ter trazido Jesus até ele.⁴³

Diálogo semelhante, encontramos também no “Evangelho de Bartolomeu: ” Belial disse ao Hades (ἄδης): “Não te perturbes. Assegura bem tuas portas e reforça os ferrolhos. Acredita-me: Deus não baixa à terra”. Responde o Hades (ἄδης): ‘Não posso ouvir tuas belas palavras. Sinto que se me arreventa o ventre e minhas entranhas enchem-se de aflição. Outra coisa não pode ser que Deus se apresentou aqui. Ai de mim!’⁴⁴

Conclusão

O tema da morte e o morrer no Antigo Testamento se revela complexo e delicado. A afirmação da morte e as consequências da morte encontram-se numa peculiar posição de, ao mesmo tempo, não possui suficiente fundamentação bíblica (pois os textos bíblicos nos apresentam várias definições de morte) e ser perfeitamente adequado à mentalidade e a realidade de um povo centrado na valorização da vida e de recursos necessários para o bem-viver no Antigo Testamento. Como se não bastassem às dificuldades textuais, para justificar uma iniciativa divina após a morte no Antigo Testamento, nos parece que dentro do contexto bíblico “morrer” e “descer à morada dos mortos” (Sheol, Hades) eram apresentados, de certo modo, como sinônimos. Uma mudança de compreensão só se acentua quando no Novo Testamento encontramos, por

⁴³ Respondió el infierno (ὁ Ἄδης): “Herederó de las tinieblas, hijo de la perdición, calumniador, acabas de decirme que él hacía revivir con una sola palabra a muchos de los que tú tenías preparados para la sepultura; pues, él ha librado a otros del sepulcro, ¿cómo y con qué fuerzas seremos capaces de sujetarle nosotros? Hace poco devoré yo un difunto llamado Lázaro; pero, poco después, uno de los vivos con sola su palabra lo arrancó a viva fuerza de mis entrañas. Y pienso que éste es ese a quién tú te refieres. Si, pues, lo recibimos aquí, tengo miedo de que peligrosos también con relación a los demás, porque has de saber que veo agitados a todos los que tengo devorado desde el principio y siento dolores en mi vientre. SANTOS, A. de, *Actas de Pilatos 20*, in, *Los Evangelios Apócrifos*, 2006, p. 441-442.

⁴⁴ EVANGELIO DE BARTOLOMÉ, I, 18-19, p. 539.

influência de outras culturas (grega, por exemplo), a morte, e o pós-morte com novos contornos, já numa perspectiva de castigo e personificação após a morte.

Referencias bibliográficas

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

ASSUNÇÃO DE MOISÉS. In: **Apócrifos da Bíblia e pseudo-epígrafos.** São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

BIETENHARD, H. Verbete inferno. In: BEYREUTHER, E.; COENEN, L. (Orgs.). **Diccionario teológico del Nuevo Testamento.** Salamanca: Ediciones Sígueme. 1990. v. 2.

BROWN, R. E. et al, **Comentario Bíblico San Jerónimo.** Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972.

DA SILVA, R. M. **A descida de Cristo à mansão dos mortos à luz da teologia latino-americana.** Rio de Janeiro, 2019. 302p. Tese de Doutorado. Faculdade de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

HANAUER, J. E. **Mitos, lendas e fábulas da Terra Santa.** São Paulo: Landy, 2005.

HOMERO. **Íliada.** São Paulo: Editora Arx, 2003.

HOMERO. **Odisséia.** Porto Alegre: L&PM, 2007.

JEREMIAS, J. **Las parábolas de Jesús.** Navarra: Editorial Verbo Divino, 1997.

JUSTINO de Roma, **I e II Apologia, diálogo com Trifão.** São Paulo: Paulus, 1995.

LÍNDEZ, J. V. **Eclesiastes ou Qohélet.** São Paulo: Paulus, 1999.

LIVRO DE ENOQUE. In: **Apócrifos da Bíblia e pseudo-epígrafos.** São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

MACKENZIE, J. L. **Dicionário Bíblico.** São Paulo: Paulus, 1983.

MARCHADOUR, A. **Morte e Vida na Bíblia.** Lisboa: Difusora Bíblica, 2001.

MARTIN-ACHARD, R. **Da morte à Ressurreição segundo o Antigo Testamento.** São Paulo: Academia Cristã, 2005.

SANTAMARIA, J. A. L. **Un estudio sobre la soteriología Del dogma del Descensus ad inferos: 1 Pe 3,19-20a y la tradición sobre “la Predicación de Cristo en los Infiernos”**. München, 2007. 200 p. Tese de Doutorado em Teologia. Fakultät der Ludwig-Maximilians-Universität München.

OTERO, A. S. **Los Evangelios Apócrifos**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 2006.

TESTAMENTO DE RUBÉN. In: **Apócrifos da Bíblia e pseudo-epígrafos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

TESTAMENTO DE LEVI. In: **Apócrifos da Bíblia e pseudo-epígrafos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

VAUX, R. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

VAN DER BORN, A. (Org). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

WEISER, A. **O que é milagre na Bíblia**. São Paulo: Edições Paulinas, 1978.

WOLFF, H. W. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2007.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Docente do Departamento de Teologia da Faculdade Canção Nova

Cachoeira Paulista/SP – Brasil

E-mail: dr.pe.roberto@gmail.com

Recebido em: 08/09/2022

Aprovado em: 20/12/2022